

Todo mundo sabe que o olfato é um dos sentidos do corpo humano que nos permite perceber o mundo a nossa volta e as situações nas quais nos encontramos. Ele nos revela os mais variados odores, sejam agradáveis ou desagradáveis, dos ambientes, das coisas e das pessoas e cada aroma revelado pode ficar impregnado em nossa memória como uma marca definitiva que podemos definir como registros olfativos.

Certamente, há registros que são tomados de igual modo pela coletividade, configurando-se em uma marca, uma característica que se estabelece na relação coisa-odor. Como não lembrar do patchouli, que ao paraense amazônida constitui significativa fonte de lembrança da querida cidade de Belém, ou mesmo o cheiro da manga que na época de fruto maduro se desprende dos altos galhos das mangueiras que formam os corredores verdes das formosas avenidas belenenses. Assim tantos outros cheiros estão coletivamente registrados na memória de nossa gente.

Mas além dos registros coletivos há aqueles individuais, particulares, pessoais. Cheiros que trazemos na memória e que instantaneamente instalam sentimentos mesclados, geralmente, de recordação e saudade. Tal é o caso do perfume da pessoa amada, que nos arrebatava o coração arrancando suspiros e se fechamos os olhos e inspiramos com intensidade o referido aroma é como se fôssemos invadidos e dominados pela fugacidade de desejos escondidos. Nos casos em que não temos mais o amado conosco, a lembrança suscitada pode vir acompanhada de uma pontinha de dor e a depender da intensidade da perda, possivelmente há de nos arrancar uma lágrima. Entretanto, não se trata somente dos amores carnais, pois a mãe traz na memória o perfume de um filho distante; bem como, o cheiro de uma rosa poderá nos remeter à lembrança de graciosa avozinha.

Todavia não são apenas odores agradáveis que nos marcam; por vezes, trazemos na memória recordações de ambientes que são associadas a cheiros que nos tocam até de forma repulsiva. Quem nunca torceu o nariz quando evocada a lembrança do õcheirinho de hospitalö? Aliás, há quem alegue que determinados desinfetantes carregam esse estigma e, por isso, evitam-lhe a compra. Como esquecer um dos pontos

mais marcantes da cidade de Belém, o Ver-o-Peso, cuja mistura indelével de ervas, frutas, peixe e sujeira nos toca profundamente a alma?

Portanto, de cheiro em cheiro vamos passeando pelos vagões de nossa mente abarrotados dos mais ricos registros e experiências, confrontando nossos atos e posturas civilizatórias, pois o grau de pureza, de higiene e, por conseguinte, de agradabilidade do perfume, denotam nossa posição na escala evolutiva... Será?!

Certamente que se nosso cheiro não nos coloca acima ou abaixo dos irmãos do norte e do sul, denota como nos relacionamos com o meio à nossa volta, pois veremos, teremos, sentiremos espaços e ambientes pelos aspectos mais perceptivos que apresentam, sob larga medida resultante de nossas ações, sejam individuais ou coletivas.

Ainda outro dia, para exemplificar o argumento que desenvolvemos até aqui, enquanto esperava o ônibus da tarde que me levaria de volta para casa, após um exaustivo dia de trabalho, pude perceber com repulsiva revolta o forte odor de urina que exalava no local onde me encontrava. Era uma parada de ônibus situada em uma avenida que eu diria estar a meio caminho entre o centro, com sua burguesia negligente, e a periferia, de gente humilde e desinteressada.

Mas por que aquele mal cheiro me causaria tanta indignação, ao ponto de se tornar tema destas linhas? A resposta, se não é simples, se torna clara por tudo que dissemos anteriormente, pois a atitude de se aliviar pelos postes, muretas e cantinhos abandonados ao descaso ou à escuridão revela que o autor de tão repugnante ato pouco se importa com as convenções que estabelecem a boa relação entre os indivíduos de uma coletividade. Além do mais, transforma o ambiente num verdadeiro esgoto a céu aberto propiciando a proliferação de muitas pragas e, por conseguinte, males.

Vale lembrar que embora utilizemos o termo autor, não nos referimos a esse ou àquele indivíduo especificamente, pois ôtirar a água do joelho é expressão muito usada no passado e é um hábito nacional (quicá mundial) de quase todos os indivíduos do gênero masculino. Sim, mijar pelos cantos é algo do homem (digo isso sem muito orgulho), pois é inimaginável mulheres baixando as calças, ou levantando as saias, por mais apertadas que estejam, e entregando-se ao prazer de despejar o conteúdo de suas bexigas nos cantinhos escuros de alguma esquina. Certamente elas, por pudor e dificuldades físico-materiais, não se deixam entregar a essa prática.

Agora imagine o quadro terrível que encontramos quando os mais levianos, além do dejetivo líquido, tomam a liberdade de deixar material mais sólido logo se instalando o caos, pois com o sol belenense do meio dia se processará a mistura desses materiais fétidos que podem representar bem mais que o mal-estar pelo desagradável quadro e certamente basta que o primeiro se dê a tal desfrute para que outros o sigam.

Mas apesar de tudo que possa ser dito, esse ato de libertinagem que nos deixa o desagradável odor de nossa mais perceptível falta de educação é muito comum pelas ruas de Belém. Basta um poste ou um cantinho mais isolado para que os marmanjos se aliviem na mais tranquila cara-de-pau, transformando tais lugares em ambientes fedidos, imundos e repugnantes. Então, entre um xixi aqui outro ali vamos transformando nossa querida ãCidade das Mangueirasõ no pinico geral da galera.